

LITTLE HAVANA

A Velocidade do Amor



ANA PATRÍCIA

Título Original: Little Havana – A Velocidade do Amor

Autora: Ana Patrícia

Copyright © Ana Patrícia

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Ana Margarida Caçador e Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Pós-Paginação: Rosalina Marques

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Aléxia Oliveira

1º Edição: março de 2025

Acabamento/Impressão: Tórculo

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 543336/25

ISBN: 978-989-9256-08-8



*Para ti, que sonhas.
Para ti, que idealizas.
Para ti, que vives.*

A BANDA SONORA DE OLIVIA E JAMES

Despechá - Rosalía

Provenza - Karol G

Havana - Camila Cabello (feat. Young Thug)

Starboy - The Weeknd & Daft Punk

Whatever It Takes - Imagine Dragons

Midnight Sky - Miley Cyrus

I Hate the Way - Sofia Carson

Bad At Love - Halsey

Die For You - The Weeknd

Escuro - Diogo Piçarra

Tattoo - Loreen

Wildest Dreams (Taylor's Version) - Taylor Swift

Until I Found You (with Em Beihold) - Stephen Sanchez

Angel Baby - Troye Sivan

Creepin' - Metro Boomin, The Weeknd, 21 Savage

Car's Outside - James Arthur

La Bachata - Manuel Turizo

Carita de Inocente - Prince Royce

Si Antes Te Hubiera Conocido - Karol G





CAPÍTULO 1

OLIVIA

Om diferentes momentos da minha vida, fiz escolhas com base naquilo que esperavam de mim. Provavelmente, tal como muitas das pessoas à minha volta e todas as outras que passeavam por Ocean Drive. Foi quando percebi isso, há dois anos, que comecei a tomar decisões que ninguém esperava que Olivia Garcia tomasse. Como, por exemplo, sair da faculdade. Deixar de parte a ambição de ter um curso superior em gestão e uma carreira estável como futuro. Uma estabilidade que eu não queria na minha vida, por não ser a realização do meu sonho.

Decidi aprofundar todos os meus conhecimentos em fotografia, aquela que sempre foi a minha paixão. Aprender os mais pequenos detalhes sobre ângulos, focos, luminosidade e tudo o que neste espetacular mundo existe. A minha família achou que iria perder tempo, mas eu sabia que, para o futuro que ambicionava, aquele era o caminho certo.

Aos vinte e três anos, quando deixei a faculdade, começar a trabalhar foi a única forma de conseguir sustentar a minha decisão e, desde há um ano, ganhar a minha total independência ao alugar o meu pequeno T0 no centro de Little Havana. Quando conheci a cidade, todo o movimento da Calle Ocho não me fascinava: a música alta a todas as horas do dia e a vida cubana no meio de Miami, mas, com o tempo, todas as rotinas e tradições da cidade passaram a fazer parte da minha pele. *Da minha família.*

— Olivia! — Com aquele seu sotaque cubano tão intenso, a Acindina caminhou na minha direção com um papel na mão.

Acindina, a mulher a quem todos recorriam para pedir ajuda, a mulher que procurava todos os vizinhos se não os visse por mais de um dia, que, assim que me viu, perdida na cidade, deu-me o colo de uma avó e empregou na sua mercearia.

— *Hija mia!* — E a mulher que me tratava como sua filha. — *Mira.* — Passou-me o papel para a mão. PROCURAMOS FOTÓGRAFOS PARA EVENTOS PARTICULARES, estava escrito. — Vai experimentar. Eles estão a escolher trabalhos até ao final do dia. — ESTAREMOS A RECEBER PORTEFÓLIOS NO *THE SETAI MIAMI BEACH*, ATÉ ÀS 18H. Talvez o hotel mais caro e o mais bonito de Miami.

— Não vou conseguir ir, Dina. — Vi as horas no relógio do meu pulso, percebendo que nunca iria conseguir chegar a tempo. — Já são quatro e meia, não vai dar tempo.

— Vai, sim! Corre! *Ahora!* — Rodopiou o meu corpo, desfazendo o laço do avental e puxou-o por cima da minha cabeça. — Pode ser a tua oportunidade. — Pousei as mãos sobre os seus ombros, dando-lhe um beijo na testa.

— Reze por mim.

— Vou acender uma vela. — Observei-a antes de sair, reparando que se preparava para acendê-la no pequeno altar com todas as santas a quem era devota, junto da caixa, e onde recorria quando precisava de rezar.

Corri pela minha vida. Literalmente. Porque, entre todos os transportes que precisava de apanhar até ao hotel, ainda teria de passar por casa para ir buscar o meu portefólio. E, para isso, tinha de percorrer metade da Calle Ocho — uma das maiores avenidas de Miami e o epicentro de Little Havana. Era a avenida com mais comércio, cor e, claro, corridas ilegais. O T0 onde vivia situava-se do lado oposto à mercearia da Dina e a quase treze quilómetros de distância do mar, onde realmente terminava a avenida.

Para me atrasar mais ainda, o portefólio não estava no sítio do costume.

— Claro que isto tinha de acontecer hoje... — Sentia que, quando voltasse a entrar em casa, iria desejar não ter feito o que fizera. Só encontrei o portefólio quando abri todas as gavetas da cômoda e percorri o roupeiro de alto a baixo. O que, para quem tinha um T0, implicava que, ao desarrumar o quarto, estava a deixar a casa inteira virada do avesso.

Voltei a sair, começando a caminhar na direção da paragem de autocarro mais próxima. Não ter a minha mota começava a deixar-me desesperada... *Luís Miguel, hoje vais ter de me ouvir.* Estava na oficina do marido da Acindina e a demorar mais tempo do que aquele que seria de esperar para uma simples mudança de corrente.

— Oli! — Assim que ouvi aquela voz, senti que quase me poderia ajoelhar e agradecer aos deuses. A mota vermelha parou à minha frente, acalmando o motor. — Onde é que vais? Não devias estar na mercearia?

— Por norma, o Raul utilizava um dos seus muitos carros, mas também preferia a mota em muitas ocasiões.

— Devia — aproximei-me do Raul, colocando a mão sobre o seu antebraço —, mas a Dina viu uma oportunidade para fotografar num hotel e...

— Sobe. Eu levo-te. — Apertei-lhe o braço, subindo para a mota. — *Mi Oli.* — Ele colocou a mão na minha coxa, enquanto eu me tentava organizar com o portefólio na mão. — Vamos para onde?

— Para o *Setai*.

— Vais trabalhar para os ricos? — Riu-se, agarrou o guiaador e acelerou. Depressa rodeei a sua cintura com o braço disponível, rezando para que o portefólio não voasse e se espalhasse em plena avenida.

O Raul era uma pessoa especial. Proibi-me a mim mesma de me apaixonar por ele, porque só iria trazer problemas à nossa relação. Conhecemos-nos quando eu estava na faculdade, já que o Raul trabalhava na cantina e era das pessoas com quem mais falava nas minhas horas de almoço. Sabia que estava apaixonado por mim. Porque era fácil ler-lhe os olhos, as palavras que usava comigo e a forma como me tratava. Era a ele que recorria quando mais precisava de ajuda, foi ele quem me ajudou a encontrar a minha casa e a obter um desconto especial por ser sua amiga.

À velocidade que o Raul conduzia, sabia que chegaria mais do que a tempo. Ainda assim, era difícil gostar daquela rapidez com que se deslocava na mota. Mesmo que eu também conduisse, ele chegava a exagerar, inclusive em horas com muito trânsito, como era o caso.

O Raul tinha imensa segurança em cima da mota ou dentro de um carro, mas arriscava em cada curva, em cada ultrapassagem e em todos os sinais vermelhos. Não fosse uma das pessoas que mais desafiava a lei na cidade. Conheci esta versão do Raul quando passei a conviver mais com ele, descobrindo o seu fascínio por todas as corridas que existiam em Miami. Era aquela parte dele que ansiava o risco, que corria atrás da adrenalina. Devia existir uma razão para que isso acontecesse, mas, ao longo dos últimos dois anos desde que estou em Little Havana, ainda não consegui conhecê-la. Foi essa intensidade que me conquistou e que agora desejava partilhar a seu lado.

Ao passarmos pela ponte que nos levava até Miami Beach, comecei a perceber que, se calhar, aquele não era um mundo para o qual eu estivesse preparada. Pelo luxo que se respirava naquele lado da cidade. De certeza que teria de lidar com pessoas que iam contra tudo aquilo que eu defendia. *Precisas de outro tipo de trabalho e de seguir o teu sonho, Olivia, pensei.* *Eu sei, mas também sei como é o meu temperamento.*

O Raul começou a abrandar e a grandiosidade do hotel fez-me estremecer. Era enorme. Era, provavelmente, um dos mais caros da zona e aquele com a vista mais incrível para o azul do mar e as areias brancas das praias.

— Oli! — Senti as mãos dele nas minhas pernas e respirei fundo. — *No tengas miedo.* — Com aquele seu típico carinho, tentou acalmar-me enquanto passava com a mão pela minha perna. — É uma oportunidade de começares a trabalhar naquilo que gostas de fazer. — Voltei a respirar fundo e, saindo de cima da mota, fixei o olhar no hotel. — São só uns ricos de Miami a quem vais ter de tirar fotografias. — Acabei por sorrir e voltei-me para ele. Já estava sem capacete e segurava todo o seu cabelo cor de caramelo, prendendo-o da forma mais desajeitada que sabia.

— Obrigada. — Aproximei-me do Raul, colocando a mão no seu rosto. O Raul era casa, acalmando-me quando mais precisava, e conseguia, sempre, aquecer o meu coração apenas com o olhar. — Fico a dever-te uma.

— Nunca ficarás a dever-me nada. — A mão dele voou até à minha cintura, puxando-me ainda mais para ele. — *Eres mi Oli.* Tudo aquilo de que precisares, serei o primeiro a estar a teu lado.

E eu sabia disso desde os primeiros dias em que nos começáramos a relacionar mais, mas ficava sempre muito mais tranquila por saber que ele era das pessoas mais verdadeiras que eu conhecia.

— Fico à tua espera para te levar de volta...

— Não... eu não sei quanto tempo isto vai demorar...

— Eu espero — assegurou, dando-me um beijo na bochecha. — Vai e não te preocipes. — Assenti, começando a caminhar em direção à entrada do hotel. — *Baila con ellos.* — Aquela era, talvez, a expressão que ele mais utilizava e a que passei a adotar, talvez inconscientemente, em vários momentos da minha vida. Para se dançar são necessárias duas pessoas, mas só quando essas duas pessoas estão em sintonia é que algo bom e bonito acontece. Era isso que tentava fazer quando pensava naquela frase.

A entrada do hotel era majestosa. Os candeeiros eram todos eles cheios de cristais, ou uma imitação dessa pedra tão preciosa, e caíam do teto alto, o que lhes dava ainda mais imponência. Senti-me pequena e engolida pela grandiosidade e o luxo com que me confrontava. Era como se fosse uma intrusa num mundo que não era o meu. Ao mesmo tempo, sentia que era o momento que podia definir a minha vida dali para a frente.

— Boa tarde. — Dirigi-me à receção, tentando não me mostrar demasiado ansiosa ou nervosa.

— Boa tarde, bem-vinda ao *The Setai*. Em que a posso ajudar?

— Parecia que a recepcionista à minha frente era uma hospedeira de bordo, devido ao uniforme muito estruturado, os botões dourados e a postura que tinha.

— Vi o vosso anúncio, em que estavam a receber portefólios fotográficos hoje...

— Sim, claro. — Colocou uma folha em cima do balcão. — Preciso que preencha este formulário e se dirija àquela sala. — Apontou para uma porta à minha esquerda. — Estarão lá a avaliar os portefólios.

— Muito obrigada.

Sentei-me num pequeno sofá que ali estava vazio, começando a preencher todas as informações pedidas e sentindo a mão demasiado trémula. Desde dados pessoais a gostos enquanto fotógrafa, e, assim que terminei, encaminhei-me à porta. Depois de dar uma leve batida, abririram-ma.

— Boa tarde. — Um homem mais velho cumprimentou-me.

— Boa tarde.

— O seu portefólio, por favor. — Entreguei-lho, bem como à folha que preenchi. — Poderá aguardar aqui, nesta sala de espera. — Já lá se encontravam várias pessoas à espera. — Quando for a sua vez, iremos chamá-la.

— Muito obrigada.

Não estava à espera de que fosse passar por uma espécie de audição. Muito menos naquela área. Estava habituada a ter uma reunião com as pessoas que estavam à procura do meu trabalho e falar sobre o meu estilo de fotografia. Contudo, aqui, alguém iria avaliar as minhas fotografias sem me conhecer. E só esperava que isso não me prejudicasse.

Quem não me conhecesse, ao percorrer o meu portefólio, poderia ficar com uma ideia bastante distorcida daquilo que era capaz de fazer. Interessava-me mais pela fotografia escura. Em obter as silhuetas das pessoas, dos edifícios, do mar e da natureza através da escuridão. Não que não amasse a cor, mas porque sentia que o lado mais escuro numa fotografia lhe dava mais intensidade.

— Olivia Garcia. — Da porta de vidro de correr, de onde entravam e saíam várias pessoas, apareceu a mulher que estava a chamar-nos.

— Sou eu. — Levantei a mão no ar, quase como se estivesse na escola.

— Acompanhe-me, por favor. — Levantei-me da cadeira, caminhando atrás dela. Ao passar pela porta de vidro, o ambiente tornou-se muito mais leve. Pelo corredor, do meu lado direito, havia uma janela que percorria toda a parede e que tinha vista para um pequeno recanto com plantas e flores. — Entre, por favor.

— Obrigada.

Ao entrar, deparei-me com uma mesa-redonda de vidro, no centro da sala, e, ao fundo, uma bancada que percorria toda a dimensão da parede. Junto da máquina do café estava um homem. Jovem, mas com o típico ar de quem desempenhava um cargo importante dentro do hotel. Usava um fato azul-escuro e, apesar de se notar que o cabelo tinha algum volume, estava bastante penteado, de um tom castanho, não muito escuro, e com uns pequenos laivos de louro.

— Café, Olivia? — Voltou ligeiramente o tronco na minha direção, mostrando-se ser um homem bastante atlético e com uma estrutura facial muito bem definida, a barba não muito grande. O típico menino de Miami.

— Sim, obrigada. — Não sei o que me deu para aceitar, já que não tinha por hábito beber café.

— Sente-se, por favor. — Caminhou na direção da mesa, colocando o café à frente do lugar que eu tinha acabado de ocupar. — James Colter. — Esticou a mão na minha direção e depressa apertou a minha.

— Olivia Garcia. — Ele sorriu, sentando-se na cadeira oposta à minha. O meu portefólio estava à sua frente, fechado e com uma folha amarela pousada em cima.

— Sou eu quem tem estado a analisar os portefólios submetidos até ao momento. — Ia começar a mexer o café, mas senti um enorme arrepião percorrer-me a espinha ao perceber que o momento era mesmo formal.

— Eu faço parte do conselho diretivo do *The Setai*. — Naquele momento, eu só esperava que o meu rosto não estivesse a demonstrar a surpresa que me atingiu. — Responsável pelo *marketing* e comunicação. — Assenti, tentando manter-me focada no que ele dizia. Mesmo que os seus olhos verdes fossem uma distração. *E ele não desviou o olhar do meu, piscando-os tão poucas vezes.* — Estamos à procura de alguém para trabalhar diretamente connosco. Precisamos de mudar a imagem do hotel e, com isso, trazer conteúdos de imagem diferentes. Modernos. — Baixou o rosto, abrindo o portefólio. O maxilar dele era bastante definido e forte e, mesmo com aquele fato azul-escuro vestido, era perceptível que a zona dos ombros era bem musculada. — O trabalho da Olivia é diferente.

— Encarou-me e eu acabei por beber um pouco do café. — Há quanto tempo trabalha na área?

— Devo ser honesta consigo. — Pousei a chávena, aproximando-me mais da mesa. — Trabalhos enquanto fotógrafa fiz apenas dois. O que aí vê relativamente à sessão de maternidade e as fotografias do campeonato de boxe.

— Não exerce profissão enquanto fotógrafa?

— Infelizmente, ainda não. Abdiiquei dos estudos para seguir este sonho e, neste momento, estou a dar o meu máximo neste novo percurso.

— Muito bem. — Reparei que ficou mais pensativo, folheando o portefólio. — *Qual é o seu maior sonho, Olivia?* — A voz saiu-lhe quase em sussurro, mas assim que me olhou, senti que fora atingida por um raio. Não me lembrava se alguma vez me tinham feito esta pergunta, pelo menos de forma tão direta. Fi-la várias vezes a mim mesma, por necessidade de me conhecer melhor, mas ser um completo estranho, e numa entrevista para um possível projeto, era uma sensação avassaladora.

— Quero fazer da fotografia a minha vida. Expor os meus trabalhos e abrir o meu estúdio para poder dar aulas, em Little Havana. — Ele sorriu, voltando a observar as fotografias.

— É cubana?

— Não. — Tornou a olhar para mim. — O apelido, em tempos passados, deve ter sido de descendência latina, mas vivo em Little Havana e sinto que estou a criar uma costela cubana.

— Eu confesso que estou habituado a imagens com mais cores e pensava em algo assim para o hotel. — Continuava a folhear o portefólio, demasiado atento e pensativo. Até que ficou em silêncio, fixado nas fotografias que eu tinha tirado a mim mesma, sem que se conseguisse ter a percepção de que era eu quem nelas estava. Tirei-as sozinha, na minha casa, com a luz do pôr do sol a incidir sobre a parede em cima da cama, e eu, despida sobre ela. — Vou ter de pensar mais sobre o assunto, porque é um trabalho muito diferente.

— *E quando é diferente...* as pessoas estranham sempre o que é diferente. De certo modo, compreendia que, se calhar, para imagens institucionais do hotel, o meu trabalho não era o mais adequado. — Vou ter de pensar. — Fechou o portefólio, esticando-o na minha direção. — Poderá esperar uma resposta até amanhã, se for negativa enviaremos um *email*.

— Ao menos isso. — Percebi que os meus pensamentos me traíram e me saíram disparados pela boca, dado o ar surpreendido do homem à minha frente. — Há empresas que não respondem a ninguém e isso, de certa forma, é uma falta de respeito. — Lá estava eu. A ser uma pessoa impulsiva e com aquilo que sentia bem na ponta da língua.

— Espero que seja assim em tudo na sua vida, então. — Levantou-se, esticando o braço na direção da porta. — Obrigado por ter vindo.

— Obrigada pela oportunidade. — Se, antes de ter a entrevista, tinha pouca esperança de conseguir o trabalho, depois dela, não tinha nenhuma.



CAPÍTULO 2

OLIVIA

Criar expectativas deixara de ser algo que fizesse. Aprendi, talvez cedo demais, que não deveríamos esperar grandes gestos do ser humano que vivesse em sociedade connosco. Até as poderia criar e viver com aquela esperança de que, quando acordasse no meu dia de aniversário, teria uma festa surpresa. Ou ter um namorado capaz de me surpreender e me levar a ver o pôr do sol no topo de uma colina ou em cima do capô de um carro. Deixara de ser essa pessoa que espera algo dos outros. Hoje, decidi não esperar. Aprendi a agir por vontade própria e a traçar o meu caminho, mesmo que isso significasse seguir sozinha. Afinal, é na solidão que, muitas vezes, descobrimos a nossa verdadeira força.

E era isso que fazia quando ia a reuniões como aquelas que tivera há dois dias. Não criei a expectativa de que viesse a receber uma resposta positiva, porque não queria alimentar a ideia de poder vir a trabalhar na área que mais amava. Só que nem a negativa recebi, tal como fora prometido.

— *Hija!* — A Dina apareceu junto da arca dos congelados que eu estava a repor. — O Raul passou aqui e deixou-te isto. — Um Envelope Preto... *era tudo o que eu precisava.* — Tem cuidado, Oli. — Agarrou-me a mão quando segurei o envelope, olhando-me com aquela sua preocupação tão típica. — Tu és tão novinha e o Raul... ele não é boa influência para ti.

— Dina. — Pousei a mão livre em cima da dela, aproximando-me do seu corpo. — O Raul é o irmão que eu nunca tive... — Aquela era a mais pura das verdades. O amor que sentia por ele devia ser aquele que mais se assemelhava ao que uma irmã sentia pelo irmão mais velho. — E eu já não sou uma adolescente, nem aquela Olivia que chegou aqui há um ano.

— *Lo sé, pero...* — A Dina ia começar a enumerar as mil razões pelas quais não deveria abrir aquele envelope, ou tudo o que me poderia acontecer de mal numa corrida. — Não posso mesmo convencer-te a deixar isso, pois não? — Acenei negativamente.

Comecei a acompanhar o Raul em corridas ilegais ainda antes de ali ter começado a viver, tornando-se algo que mexia com cada partícula do meu ser. Pela adrenalina que a velocidade daqueles carros me dava, pela forma como sabiam que eu fazia parte daquele ambiente, apenas, por ser a rapariga pela qual o Raul apostava.

— O Luís Miguel também era assim... — Suspirou ao falar do marido.

— Mas hoje em dia é tudo tão perigoso... Não é só uma questão de ver quem é que tem o melhor carro.

— É verdade. — E quantas vezes já não tínhamos sofrido por ser, realmente, mais do que uma simples corrida. — Mas eu também não o consigo deixar sozinho. — E essa era a segunda razão pela qual aceitava os envelopes pretos. Ao estar no mesmo carro que o Raul, sabia que ele conduzia com outra prudência e, sempre, com os seus olhos postos em mim.

Existiam vários tipos de corrida em Miami. Já tinha ido com o Raul às mais típicas, em que ele apostava dinheiro, e outras em que o carro que usara era a sua aposta. Contudo, as do Envelope Preto eram completamente diferentes. Se hoje houvesse uma, eu teria de lá estar. Porque se eu não fosse, ele arranjarria outra pessoa com quem ir e já não iria ter o mesmo cuidado. Seria aquele Raul que já sofrera dois acidentes gravíssimos e quase morrera num deles.

— Olha o telemóvel! — gritou a Acindina, quando já se encontrava junto da caixa registadora. Caminhei em passos largos até chegar perto dela, recebendo o meu telemóvel das suas mãos.

— Bom dia — disse ao atender. O número de telemóvel não estava registado nos meus contactos, pelo que poderia estar, apenas, a perder tempo com publicidade.

— *Olivia, daqui fala James Colter.* — E fui arrebatada por uma surpresa avassaladora ao atender a chamada. — *Peço-lhe desculpa por não termos dado qualquer resposta no tempo devido. A minha assistente não conseguiu fazê-lo com tudo o que tem para fazer.* Claro que acabou por atrapalhar tudo — disse-o com um tom de acusação e quase que conseguia imaginar a pessoa em questão à sua frente. Era sempre tão bom quando existiam outras pessoas para culpar, quando se podia ser, apenas, sincero e dizer que não queriam nada com o meu trabalho.

— Não tem problema, eu comprehendo.

— *Eu gostava de me voltar a reunir consigo.* — Houve uma súbita mudança no tom de voz, sendo bem mais doce do que antes. — *Eu tinha dúvidas, mas falei com algumas pessoas que trabalham na mesma área e consegui ver para além do que tem no seu portefólio.* — Senti o coração a palpitar. Aquilo significava que podia haver uma certa esperança. — *Acha que podemos voltar a reunir, hoje?*

— Claro que sim — respondi num ápice, com uma pressa imensa que, de certeza, me fizera parecer desesperada.

— *Quero que venha almoçar comigo, ao hotel.* — E quem era ele para querer alguma coisa? Todos os músculos do meu corpo endureceram, com uma enorme vontade de lhe dizer isso mesmo.

— Só posso entre as duas e as três, que é a minha hora de almoço no trabalho atual que tenho. — A Acindina começou a gesticular, dizendo-me para ir quando quisesse, mas houve qualquer coisa naquele «quero» que me souou a autoridade e imposição. E eu odiava a típica mania dos novos-ricos, ou daqueles que se tentavam tornar ricos, de imporem algo para com aqueles que poderiam vir a trabalhar com eles.

— *Hum.* — Será que o deixara desconfortável? Ou, apenas, acabara de atirar a minha oportunidade para o lixo? — *Combinado.* — O ar saiu-me pela boca com uma força enorme e um alívio invadiu-me o peito. — *Venha ter comigo a essa hora. Irei deixar a indicação na receção de que tem um compromisso comigo.* — E lá estava, outra vez, aquele tom. Qual era a necessidade de estar a frisar tudo aquilo?

— Com certeza. — Mordi a bochecha, controlando-me para não dizer algo de que me pudesse vir a arrepender.

— *Cá a espero.* — E, sem que eu pudesse responder algo do género, percebi que a chamada tinha terminado.

— Que otário! — gritei para o telemóvel, fazendo com que a Acindina se começasse a rir.

— E esse otário tem nome?

— John, ou James, já nem sei. — Aproximei-me dela, voltando a colocar o telemóvel a carregar. — É o diretor de um departamento do hotel.

— *Que bueno!* — A felicidade dela era bastante notória e, por momentos, até eu fiquei com mais esperança. — Porque é que não pareces assim tão feliz?

— Porque ele é demasiado autoritário. E faz questão de ser explícito quanto a isso. — Debrucei-me sobre a bancada, olhando-a. Ela tornou a rir-se, abanando a cabeça.

— Não entres a pés juntos. — Fitou-me, mantendo aquele sorriso nos lábios. — Pode ser a tua grande oportunidade.

— Eu sei... — E deve ter sido apenas isso que me fez ir almoçar com ele.

O meu telemóvel voltou a tocar, com sinal de uma mensagem. Era o número dele, mais uma vez.

Traga a sua máquina fotográfica.

Preciso de a testar.

Precisa de testar o quê? Os meus conhecimentos de técnicas de fotografia? Terá ele conhecimentos nessa área? E os nervos instalaram-se em mim, assim, num estalar de dedos.



Já não me recordava do frio na barriga que a grandiosidade do hotel me fazia sentir. Sobretudo ao perceber que iria almoçar com uma pessoa importante. Estava a usar os meus *Vans* pretos e umas calças *mom jeans* com alguns rasgos. *Que bela primeira impressão, não haja dúvida.* Não era a primeira, porque ele já me tinha visto, mas ainda assim. Ao menos estava a usar uma camisa branca... *Olivia, calma!*

— Boa tarde. — Dirigi-me à receção. — Eu tenho um compromisso com... — *Caramba, eu nem o nome dele decorei.*

— O senhor Colter? — Devia ser isso... esperava eu.

— Sim — respondi, pouco segura de que seria esse o apelido.

— Ele já se encontra à sua espera, pode subir até ao último piso.

— Agradeci, com a esperança de que não fosse encontrar uma pessoa completamente estranha.

Subi até ao quadragésimo andar, parando duas vezes no caminho para que pessoas entrassem e saíssem. Assim que o elevador parou no último andar e as portas se abriram, depressa percebi que era a *penthouse*. *Merda.* Eu estava demasiado mal vestida para um tipo de reunião como aquela. Fiquei parada em frente às grandes portas douradas, respirando fundo antes de aproximar a mão da porta.

— Vai correr tudo bem, Olivia. Calma, respira — falei comigo mesma, numa clara tentativa de me acalmar e, mesmo antes de conseguir fazer algo, a porta do meu lado esquerdo abriu-se.

Não me lembrava dele assim. O rosto continuava a surpreender-me, de tão definidos que eram os seus maxilares, mas não me lembrava de que

o seu cabelo tinha pequenas madeixas de um tom mais claro do que aquele castanho de que me recordava. Ou será que tinha reparado e estava só a admirá-lo de forma estranha, com a luz que vinha por detrás dele? *Olivia!*
Para com isso!

— Olivia. — Ele abriu a porta na totalidade, dando-me passagem. — Bem-vinda ao *The Setai*.

— Obrigada. — Engoli em seco ao entrar na *penthouse*. Fui confrontada por enormes janelas e uma vista privilegiada sobre Miami Beach, sendo que todo o meu apartamento caberia, apenas, naquela entrada.

— Esta é a *penthouse* do hotel e, atualmente, a minha casa. — Passou por mim, aproximando-se da janela. Estava mais descontraído do que no dia da reunião, usando ainda umas calças de fato pretas bem vincadas e uma camisa branca. E eram tão percetíveis os músculos que existiam por debaixo dela... Não eram exagerados, como os da maior parte dos homens que viviam daquele lado da cidade, mas tinham uma definição que, vista assim, se tornava demasiado tentadora para fotografar. — Vamos almoçar lá fora, é mais agradável. — Voltou-se para mim, começando a dobrar as mangas da camisa, com os seus olhos presos nos meus. — Zona privada. — Apontou para a minha esquerda. — Com cinco quartos. — *Por que raio uma única pessoa precisa de cinco quartos?* — E zona social. — Apontou para a minha direita, fazendo-me encará-lo novamente. — Todas as suites dos últimos cinco andares se dividem assim. Quando começar a trabalhar, serão estes pisos que precisaremos que fotografe primeiro. — *Como assim!?* Começou a caminhar para a zona mais social, fazendo com que os meus pés ganhassem vida própria e seguissem atrás dele.

— Mas... não tinha dúvidas?

— Tinha, já não as tenho. — Ele parou junto da bancada da cozinha, que a separava da enorme sala de estar, ficando a olhar-me. — Aceita uma bebida?

— Não, obrigada. — Ele assentiu, continuando a caminhar para o exterior.

Assim que passei a enorme porta de vidro, o sol quente arrepiou-me de imediato. Estava um dia incrível e, a conjugar com a vista panorâmica sobre a praia, esperava que fosse o bom presságio de que eu precisava para aquele almoço. Reparei na piscina e no jacuzzi que existiam do meu lado esquerdo, com longas espreguiçadeiras de madeira e almofadas brancas em cima. Era mesmo um sítio que em nada tinha a ver comigo, mas que me enchia o olho, de certa forma.

— Tal como no interior, também aqui há uma certa divisão de

áreas. — Captou a minha atenção, fazendo-me virar para ele e perceber que já estava junto do bar que ali se encontrava. Com uma mesa preta em frente, e cadeiras grandes de jardim, ficava assim composta aquela que era a maior varanda que eu já vira na minha vida. — Quero que trabalhe connosco. — E lá estava aquele querer. Havia sempre demasiado querer quando falava comigo e sabia que não conseguiria esconder o quanto isso me enervava.

— E se eu, por alguma razão, não concordar com as condições...? — Ele sorriu sarcasticamente. Era incrível como dava para perceber perfeitamente a sua expressão naquele momento.

— Gosta assim tanto do trabalho atual que tem para não querer fazer da fotografia a sua vida? — Porque é que eu estava a sentir que, naquele momento, ele estava a desafiar-me?

— Por acaso, gosto. — Comecei a dar pequenos passos na sua direção, já que estava do lado de dentro do bar e a preparar algo para comer. *É um bocado surpreendente que não venha o serviço de quartos trazer a comida.* — Além do mais, tinha dúvidas sobre o meu trabalho.

— É verdade. — Apontou para a cadeira alta à sua frente. — Fique à vontade. — Coloquei a mala da máquina fotográfica em cima do sofá preto, dirigindo-me à cadeira. — Eu quero arriscar. Eu preciso de ter algo de único no meu departamento, que me dê a possibilidade de pertencer ao conselho administrativo...

— Lamento informá-lo, mas eu sou uma pessoa. Não algo que se use.

— *Olivia, tu não devias ser assim com as pessoas que te estão a dar uma oportunidade de trabalho.*

— Tem razão. — Colocou um prato com pequenos folhados em cima da bancada e, logo de seguida, uma taça com batatas fritas. — Carne com queijo, segundo me disseram. — Claro que ele não teria cozinhado de propósito para este almoço. — E o seu contrato. — Colocou uma pasta ao lado do prato, ficando a olhar-me com as mãos apoiadas na bancada.

— Poderá lê-lo quantas vezes quiser, mas eu preciso de uma resposta até ao final do dia. — Assenti, comendo um dos folhados.

— Relativamente ao teste que quer fazer... — comecei por dizer, depois de mastigar, percebendo que ele também já o fazia.

— Temos luz e espaço, a Olivia trouxe o material. — Apontou para a mala. — E o hotel precisa de fotografias novas dos funcionários. — Indicou-se a si mesmo com um leve movimento. — Acho que pode começar o seu trabalho comigo. — Engoli em seco, voltando a dar uma dentada no folhado e assentindo. — Vamos começar, então. Só tem mais meia hora

de almoço, correto? — Olhou para o relógio no seu pulso. Eu não fazia ideia. Estava apenas a olhar para ele e a imaginar tudo aquilo que poderia fotografar, tendo em conta a sua imagem.

Levantei-me da cadeira, indo preparar a máquina fotográfica. O sol estava demasiado intenso, o que era um desafio enorme para mim, que estava habituada ao escuro. Poderia sugerir que as fotos fossem tiradas num dos quartos, mas este trabalho exigia outra abordagem — menos liberdade, mais precisão e criar imagens mais alinhadas com a identidade visual do hotel. Analisei tudo à minha volta, encantando-me com as sombras que as duas vigas de betão projetavam por cima da piscina.

— Acha que pode sentar-se ali? — Apontei para o jacuzzi, já que o mármore também poderia dar um toque especial às fotografias. — No canto mais próximo da piscina. — Ele apenas caminhou na direção do local que lhe indicara. Segui-o e posicionei-me no canto da varanda. Esqueci-me de onde estava, sentindo apenas o sol quente a bater-me nas costas e a abraçar-me de forma a dar-me a coragem para estar ali. Com a máquina fotográfica nas mãos, sentia-me sempre tranquila, mas, hoje, havia um enorme borbulhar de sensações e emoções por todo o meu corpo.

— Tem de me ajudar com o que é que devo fazer. — Estava a preparar as configurações da máquina fotográfica, quando olhei pelo sistema de visão e os seus olhos estavam postos em mim.

— Não se preocupe. — Voltei a observá-lo fora da máquina fotográfica, percebendo que a luz do sol lhe embatia na face, iluminando-o de uma forma ainda mais especial. — Seja o mais natural possível. Olhe para o mar e faça de conta que está a apreciar a vista, ou aprecie-a mesmo. — Começou a fazê-lo e, assim que comecei a dar os primeiros disparos, ele depressa começou a mover os braços. *Agora, estás tu na tua zona de conforto e ele desconfortável*. Assim que me encarou, enrugando a testa, e colocou a mão à frente do sol que lhe batia diretamente nos olhos. *Clique*. — Não olhe para mim. Pode distrair os fotógrafos quando não é esperado. — Esboçou, provavelmente, um dos mais doces sorrisos que poderia ter, desviando um pouco o seu olhar da objetiva. *Clique*.

— Que idade tem, Olivia? — Aproximei-me mais dele, tentando um ângulo diferente e, por isso, acabei por me sentar na berma do jacuzzi.

— Vinte e cinco — respondi, e ele voltou a olhar-me. — Para quem precisava de ajuda com o que devia fazer, começa a estar demasiado à vontade, não acha? — *E tu também*.

— Parece que não sou o único. — Ele não retirou os olhos da objetiva

e, de certa forma, também não me apeteceu pedir-lhe que fizesse outra coisa. Deslizei sobre o mármore, de forma a aproximar-me mais dele.

— Olhe em frente — pedi. — Por favor —, após uma pausa, acrescentei, de forma a não mostrar o quanto mandona acabava por ser quando me deixava envolver numa sessão fotográfica. A estrutura facial dele era fascinante e, com as sombras por detrás da sua figura, ainda se tornavam mais definidas.

Voltei a aproximar-me dele, sentindo o rabo a sair da zona do mármore e a querer cair para dentro do jacuzzi. E, numa questão de segundos, tinha aquele que iria ser o meu patrão a escassos milímetros de mim, com os maxilares cerrados, pela força que fazia para me impedir de cair na água, enquanto segurava na minha máquina fotográfica.

— Não me ponha em despesas logo no seu período experimental. — A sua respiração batia contra o meu rosto, enquanto o braço que rodeava a minha cintura fazia força para me sentar como deve ser.

— Obrigada. — Ele assentiu e, depois de me entregar a máquina, levantou-se.

— A sua hora de almoço terminou. — Olhei para o meu relógio de pulso, percebendo que eram três da tarde. — Não se esqueça de me dar uma resposta até logo à noite.

Assim que me levantei e me voltei para onde achava que ele estaria, já não havia qualquer sinal da sua presença. Tinha o coração a bater demasiado rápido, com a certeza de que não fora por quase ter caído dentro do jacuzzi.



— *Dio mio, mami!* — Tinha acabado de chegar ao local da corrida, de mota, parando-a ao pé do carro do Raul. Havia duas versões de mim mesma: aquela que, durante o dia de trabalho, usava a roupa mais confortável do mundo e a que vinha às corridas. Hoje, por ser uma corrida do Envelope Preto, ainda tive de abusar mais na escolha de roupa.

Escolhi uma minissaia de cabedal preta, usando um *body* de renda vermelho e com um decote bastante profundo. Retirei o casaco de cabedal ao sair da mota, baixando-me para atar os atacadores das botas de verniz e salto agulha que tinham saído enquanto conduzia.

— Desculpa o atraso. — Coloquei o casaco na parte de trás do carro dele, recebendo o braço do Raul em torno do meu corpo. Estava, como sempre, com uma camisola de manga curta preta, umas calças da mesma cor e o seu cabelo preso.

— Chegaste mais do que a tempo. — Depositou-me um beijo na testa, soltando-me.

Nestas corridas havia, sempre, muito mais do que dinheiro em jogo. Eram os estatutos dos grupos que se opunham, eram os carros... eram as raparigas. *Era eu*. E perguntava-me: haveria necessidade disso? Não. Se gostava? Demasiado.

— Quem é que é hoje? — perguntei, sentando-me em cima do capô do carro.

— Finalmente, o líder do *Suits*. — Respirei fundo. Era dos grupos que mais estava a perder naquelas corridas e, para vir o seu líder, era sinal de que algo poderia acontecer. As pessoas não pareciam mais agitadas do que o habitual, fazendo-me observar tudo à minha volta e perceber que estaria sempre no meio de pessoas que me eram familiares.

Até que começou um enorme frenesim à nossa volta e um *Lamborghini* vermelho, com os vidros pretos, parou ao nosso lado. As portas abriram-se, para cima, e senti todo o meu corpo tremer e o queixo a, literalmente, cair-me. *James*.

— *Mierda!* — atirei uma das primeiras asneiras em espanhol que aprendi, saltando do capô e juntando-me ao Raul.

— Que foi? — questionou, mas achava que a minha cabeça não conseguira raciocinar naquele momento.

— Nada... — Era impossível tirar os olhos dele. Tinha o cabelo completamente despenteado, vinha com umas calças de ganga quase tão rasgadas quanto as que eu usei de manhã e uma camisola de mangas cavas branca.

— Vou fazer o registo. — O Raul deu-me um beijo na bochecha, saindo de perto de mim.

— Olivia. — Aproximando-se de mim bastante devagar, o James cruzou os braços assim que parou à minha frente. As veias nos seus braços pareciam pulsar freneticamente, ou eram os meus olhos e a minha mente a imaginar coisas.

— James. — Estava tão surpreendida, que me senti fisicamente incapaz de articular qualquer frase. Nunca imaginei que ele pudesse ser do tipo de pessoa que frequentasse aquele tipo de corridas, muito menos que fosse o líder dos *Suits*! — Isto não pode estar a acontecer. — Sentia, no mais íntimo nervo do meu ser, um enorme nervosismo a nascer. *Como é que estes dois mundos estão a colidir?*

— Ainda estou à espera da minha resposta... — Ele parecia demasiado calmo, quase como se fosse algo bastante normal na sua vida. A verdade

era que não sabia que resposta lhe dar, apenas o material fotográfico que já tinha editado. Agarrei o telemóvel, enviando-lhe um *link* com as fotografias da manhã, numa clara tentativa de ganhar tempo para pensar no que fazer a seguir. — O que é que isto significa?

— Que vais ter de esperar até ao fim da corrida. — Aproximou-se ainda mais de mim, surpreendendo-me ao colocar os óculos escuros que tinha nas mãos no meu decote. Olhava-me fixamente nos olhos, fazendo-me engolir em seco.

— *Seja qual for a resposta, tenciono ficar contigo no final da corrida.*

— A voz saiu-lhe mais grave do que o habitual, causando-me um arrepião em todo o corpo.

Piscou-me o olho, virando costas e aproximou-se do seu carro. Aquele *Lamborghini* tinha, de certeza, muito mais potência do que o *Impala* do Raul e, se já estava ansiosa por tudo o que se podia vir a passar naquela corrida, comecei a sentir o coração na garganta a uma velocidade indescritível.



CAPÍTULO 3

JAMES

E stava a ser difícil concentrar-me no trabalho que tinha entre mãos, sabendo que aquela noite poderia definir todo o futuro do meu grupo. Devia estar junto deles, a preparar os carros e, pelo menos, a descobrir contra quem é que iria correr, mas estava preso ao meu verdadeiro trabalho. Encontrar um fotógrafo para o hotel estava a ser, no mínimo, a maior dor de cabeça do último mês. Se *esta* Olivia não aceitar a proposta que lhe apresentei, não sei como é que poderei ter, até ao final da semana, o nosso novo fotógrafo.

— James? — A Louisa, a minha assistente, entrou no escritório, depois de bater à porta, visivelmente preocupada.

— O que se passa?

— O teu pai está lá fora. — Receber Mark Colter era tudo o que precisava para terminar este dia...

— Diz-lhe que entre. — Encarava-me quase como a questionar-me se tinha a certeza. A Louisa conhecia-me desde pequeno, não fosse o meu pai o seu antigo patrão. — Não te preocupes, que consigo dominar a fera.

— Suspirou, saindo logo de seguida.

A verdade é que não sabia se conseguia encarar o meu pai, sobretudo depois da nossa última discussão. Também sabia que, para se estar a deslocar ao meu local de trabalho, não era para entrar em conflito comigo novamente. O que aconteceria se descobrissem que o filho do grande empresário Mark Colter trabalhava num prestigiado hotel rival ao seu?

E era por isso que a nossa relação não era das melhores. Nunca tive o sonho de me tornar um dos seus empregados, submisso às suas regras e a cumprir com todas as minhas obrigações familiares dentro do seu hotel. Comecei a trabalhar depois de ter estagiado no próprio *Setai* e afastei-me

de tudo aquilo que poderia ser uma constante na minha vida. E hoje, com trinta anos e a gerir o meu próprio departamento, sabia que tinha sido a melhor decisão que tomei.

— James! — A Louisa voltou a entrar no escritório, dando passagem ao meu pai. — Vão desejar tomar algo?

— Não — respondeu, talvez demasiado depressa, o meu pai. Pelo tom com que falou, consegui perceber que estava chateado, e isso nunca era bom sinal. Porque era em mim que ele descarregava toda a frustração ou raiva, pelo menos desde que a minha mãe já não estava entre nós.

— Obrigado, Louisa. — Assenti-lhe, fazendo com que ela saísse do escritório e me deixasse a sós com o meu pai.

Ficou em silêncio, aproximando-se das grandes janelas viradas para a praia. Este era o meu pai, que não sabia como começar conversas que queria ter comigo; aquele que colocava as mãos atrás das costas, remetendo-se ao silêncio e evitava todo e qualquer contacto visual comigo. Sendo um jovem inocente de dezasseis anos, na altura em que a minha mãe morreu, acreditava que a minha relação com ele iria mudar. E mudou, mas não pelas melhores razões.

— A tua avó veio passar uns dias a Miami. — Sentei-me na cadeira, surpreendido pelas palavras do meu pai.

Há cerca de dois anos que a minha avó não visitava Miami e, sempre que a queria ver, era eu quem ia até Hollywood. Combinámos assim, pois as discussões que eu tinha com o meu pai acabavam por abalá-la de tal forma que a tensão dela subia, levando-a muitas vezes ao hospital.

— Quer jantar connosco. — A minha avó era a única pessoa do lado da minha família materna com quem ainda tinha o mínimo de relações e, provavelmente, a única que ainda queria saber de mim. — Amanhã. Veio com o teu tio Paul.

— Tudo bem. — Sabia o porquê de ele estar preocupado com a presença do meu tio. Era o único autorizado a movimentar todos os bens que a minha mãe tinha em seu nome, para além daqueles que eu tinha em minha posse.

— Preciso que me ajudes...

— Eu? — Aproximou-se da secretária, apoiando as mãos sobre o tampo. — Porque é que eu tenho a sensação de que fizeste alguma coisa?

— Tal como eu guardava alguns segredos, o meu pai também achava que os tinha. Só que todos sabíamos da sua grande dependência dos jogos de apostas. *Não fosse essa a razão pela qual a minha mãe morrera.*

— James, eu não fiz nada. — Manteve o seu olhar preso ao meu, dando-me a certeza de que tinha acontecido alguma coisa. — Eu só preciso

que tu convenças a tua avó a passar para o nosso nome a empresa da mãe. — Ou então tinha mesmo um plano na manga para ficar com mais negócios.

— Nunca. — Não precisava que ele me convencesse nem que me tentasse manipular de alguma forma. — Tu tens a tua empresa, não precisas da dela. Além de que, mesmo que eu dissesse algo à avó, ela nunca iria fazer tal coisa...

— James, nós podíamos criar uma das maiores empresas hoteleiras a este dos Estados Unidos. — A sua ambição falava sempre mais alto, e a raiva transparecia-lhe pelos olhos. A empresa da minha mãe operava em Hollywood, com o meu tio a gerir todos os hotéis que faziam parte do *Tellows Hotels*. — Podias sair deste escritório, tornar-te vice-presidente do grupo e trabalharmos juntos, filho. — Senti que podia ser capaz de lhe dizer tudo aquilo que sentia, porém não o podia fazer e correr o risco de chamar atenções desnecessárias. Até hoje, ainda não conseguia compreender que não queria ter nada que ver com ele. Quer fosse a nível profissional ou pessoal. Sabia que ele era meu pai, mas também sabia que o tinha perdido há quase catorze anos.

— Pai! — Bufou, ficando a olhar para a moldura com a fotografia da minha mãe em cima da secretária. Pouco, ou nada mesmo, falávamos sobre ela e, de todas as vezes que me lembrava da pessoa que era a minha mãe, aquele sorriso que estava na fotografia era o que mais aparecia nas minhas memórias. Todos os dias sentia saudades dela. Todos os dias chegava ao topo do hotel e, quando me deitava na cama, percebia que sentia muito mais a sua falta do que no dia anterior. — Deixa que as coisas fiquem como estão. — Virou-me costas, voltando a olhar para a paisagem à sua frente.

— Vais, ao menos, comigo ao jantar?

— Claro que sim. — Ficou alguns segundos em silêncio, completamente imóvel. — Envia-me os detalhes por mensagem. — Começou a caminhar em direção à porta, olhando-me quando a abriu.

— Ainda bem que és mais parecido com a tua mãe. — Fiquei surpreendido com a sua afirmação, contudo o meu coração encheu-se com um conforto perante o que disse.

Sabia que não íamos ficar por ali. O jantar ia ser mais uma enorme dor de cabeça para juntar a todas as que estava a ter durante a semana.



Estava no ponto crítico em que já ninguém acreditava no meu grupo. Um grupo que começou há trinta anos, juntando apaixonados por carros

aos domingos, que queriam, apenas, ter um local seguro onde pudessem deixar de ser tudo aquilo que eram no dia a dia. Só que deixou de ser apenas isso. Passaram a ter corridas, a apostar cada vez mais em cada uma delas e, por conseguinte, éramos cada vez menos. Perdemos a essência, as pessoas e, se não começarmos a ganhar, perderemos o grupo por completo.

E era isso que tencionava fazer naquela noite. As corridas do Envelope Preto eram, por norma, aquelas onde se conquistavam os maiores prémios. Fosse em dinheiro, em carros ou em mulheres. Uma coisa com que sempre nos preocupávamos era que, quando houvesse uma corrida desse tipo, em que as mulheres do grupo eram a aposta, o que pretendíamos era que elas passassem a fazer parte do nosso grupo e fossem integradas pela essência que ali se vivia.

Por norma, as apostas eram sempre iguais: uma rapariga de cada grupo, de forma que quem ganhasse ficasse com mais elementos do seu lado. Hoje, o meu caso era diferente. Já ninguém queria correr comigo naquele tipo de corridas e, por isso, teria de apostar aquilo que de maior valor tinha: o meu carro.

Quem olhava de fora, poderia achar que estávamos a tornar a mulher num objeto, e a certa altura comecei a pensar isso mesmo, mas tudo o que queríamos fazer era que percebessem que os grupos conseguiam crescer se elas assim desejassem. Não passavam, quase, de corridas de recrutamento, mas apenas para os membros do sexo feminino dos grupos.

Via todos os outros grupos a fazerem o contrário: as raparigas que traziam com eles eram sempre muito mais do que um elemento novo no grupo. Eram o resultado de uma noite bem passada. No meu caso, quando ganhava uma corrida e uma rapariga de outro grupo acabava por vir comigo, ela só ficava nos *Suits* se quisesse.

— O que é que colocaste na aposta? — perguntou o Mike, encostando-se ao meu carro. Era o único do grupo que me acompanhava e o melhor amigo desde que nele entrei.

— O carro. — Vesti o casaco de cabedal, olhando para o *Impala* estacionado ao lado do meu. Teoricamente, seria fácil vencê-lo, mas não sabia o que existia por debaixo daquele capô. Os *Magos* tinham sempre uma forma de surpreender com os carros que traziam às corridas, sobretudo quando era o Raul a conduzir.

— Tens a certeza de que queres fazer isso?

— É a única coisa que tenho, Mike. — Encarei-o, recebendo o copo de cerveja. — Se perder, vou ter de sair do grupo.

— Estás louco! — Bebi um gole demasiado longo sob o seu olhar. — Tu não vais sair do grupo.

— Não tenho como continuar, estamos a despedaçar-nos. Ninguém quer reunir, ninguém quer correr. Eu não posso continuar a apostar só dinheiro. — Mesmo que isso não fosse um problema e, mesmo que perdesse, acabaria sempre por o recuperar. — E não tenho nada para trazer a estas corridas para além do meu carro. Se calhar, já não faz sentido continuarmos. Se eu hoje perder esta corrida é o fim.

Os meus olhos voltaram a chocar com a imagem da Olivia. Não era pessoa que imaginasse a frequentar locais assim, sobretudo por fazer parte daquele grupo em específico. Admirava-me que nunca a tivesse visto. Será que já o fazia há muito tempo? Ou estaria com eles porque a ganharam numa corrida? *Há qualquer coisa sobre ela que me intriga.*

— Como é que conheces a miúda? — perguntou o Mike.

— Estou a tentar recrutá-la para o meu trabalho. E, agora, parece que a tenho de recrutar, também, para o grupo.

— Ela é muito próxima do Raul.

— Já a tinhas visto com ele? — *Estranho era eu nunca a ter visto com ele.*

— Sim. — Voltei a olhar para ela, ouvindo uma gargalhada contagiente da sua parte. — Eles fazem imensas corridas juntos, mesmo sem serem estas. Diz-se que são namorados, ou irmãos. Ninguém sabe bem que relação é que têm. — *E como é que eu nunca reparei nela?* Eu conhecia todos os passos do Raul, eu sabia como é que ele se movia... mas nunca tinha visto a Olivia antes.

— Certo... — Começaram a chamar os nossos carros para se colocarem em posição.

— Tem cuidado com o Raul. — O Mike veio até ao meu lado do carro, baixando-se de forma a conseguir falar comigo. — Ele leva a miúda, mas tu sabes o quanto agressivo é.

— Achas que me consigo esquecer disso? — A última corrida que fiz com ele foi há três anos e o desfecho não foi o idealizado por ninguém.

— Se não ganhar, dás-me boleia? — O Mike riu-se, apertando-me o ombro.

Gostava de conduzir sozinho, era-me mais fácil concentrar na estrada e em tudo o que tinha à minha volta. Só que hoje havia uma enorme inquietude em mim. Pelo dia que tive no trabalho, pelo facto de já estar a pensar no jantar de família do dia seguinte e que, dentro de poucos minutos, poderia ficar sem carro e fora do grupo que liderava há quatro anos.

— Ei, Colter. — O Raul estava com o corpo ligeiramente acima do volante, já que o corpo da Olivia lhe devia ocupar grande parte do campo de visão. — Já não tens mais ninguém para trazer contigo?

— Não te preocipes que fico com *ela* quando acabarmos. — Reparei que a Olivia cerrou os maxilares e, virando o seu pescoço na minha direção, tive a certeza de que me poderia fuzilar com aqueles seus olhos castanhos.

— És sempre assim? — Virou ligeiramente o corpo para o meu lado, estendendo os braços para fora do carro. — Em tudo o que fazes, és sempre essa pessoa possessiva? Fazes sempre questão de dizer que tudo é teu e que tu é que decides tudo? — *Hum*. Ela tinha uma personalidade tão bem definida.

— Porque é que não haveria de o fazer? — Ela ia falar, mas depressa percebemos que a corrida teria de começar e acabei por fechar o vidro da janela do carro.

Não me lembra de me sentir tão ansioso para uma corrida. Porque, talvez, naquele momento, tinha *tudo* em jogo. Primeiro, o grupo dependia de mim em todos os aspetos e, depois, tinha uma enorme vontade de fazer algo de novo no meu trabalho, enquanto via essa oportunidade a escapar-me pelas mãos. E tinha quase a certeza de que a Olivia não queria trabalhar comigo. Se lhe fora fácil ler-me, também era fácil perceber qual seria a sua decisão em relação à proposta de trabalho que lhe fizera.

Assim que a rapariga que iria dar início à corrida se colocou à nossa frente, comecei a preparar o motor do carro para conseguir dar tudo no arranque. O barulho do motor ajudava-me a concentrar e, sobretudo, a encher-me de adrenalina. A contagem começou, endireitei-me no meu lugar e olhei para o carro ao lado. E foi aquela fração de segundo em que os meus olhos se cruzaram com os da Olivia, que me fizeram perder o controlo sobre tudo o que se sucedeu.

Eles partiram à minha frente e, quando arranquei, já tínhamos uma distância considerável a separar-nos. *Que bela forma de começar esta corrida*. Sentia que o meu pé estava a agir por impulso, pressionando o pedal do acelerador com força a mais, e a raiva em crescimento dentro de mim fez-me mudar, com agressividade excessiva, as mudanças. Talvez me estivesse a aproximar deles, mas, ao mesmo tempo, sentia que ainda estava muito atrás.

— Vamos. Isto não pode acabar assim... — Conduzir pelas ruas de Miami já era um hábito para mim. Atrevia-me a dizer que as conhecia de olhos fechados, mesmo que, todos os dias, existisse um desvio novo para aprender. — Isso.

O Raul travou mais fundo numa curva, fazendo com que eu passasse a conduzir ao lado deles. Fizemos a reta que se seguiu sempre em troca de posições, até que chegámos a mais uma curva, e o Raul aproximou o seu carro do meu. Tive de voltar a olhar para eles e percebi que ela estava com um dos sorrisos mais bonitos que alguma vez vira. Acelerei, sentindo o carro do Raul bater contra o meu e, por breves segundos, tive a sensação de que iria sair do meu percurso e ficaria por ali. Só que isso não aconteceu. Conseguí manter-me estável, manter-me à frente do Raul e percorrer as curvas seguintes nessa posição.

Havia pouco trânsito àquela hora, mas, quando chegámos à última curva antes da grande reta do final da corrida, foi o momento em que mais carros apareceram à nossa frente. E o momento em que vi o Raul, do outro lado da estrada, em contramão.

— Ele é louco. — Como se isso fosse uma novidade.

Percebi que ele tinha ligado o seu nitrogénio, perdendo-o de vista com todos os carros que começavam a passar por mim. Liguei o meu, tentando perceber, ao mesmo tempo, onde é que eles estavam. Sem sucesso. Senti que os perdera de vista e, ao ter o nitrogénio ligado, acabei por me concentrar nos últimos quilómetros da corrida, sem qualquer noção de quem é que a ganharia quando acabássemos. E, em vez de estar interessado em saber quem ganhou a corrida, no meu peito instalou-se uma preocupação estranha.

E claro que não era com o resultado.

